

Reboul, Olivier. *Introdução à retórica*. 2. ed. Tradução de Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2004. 253 páginas.

Glenn W. Erickson *

Originalmente publicado em 1991 sob o título *Introduction à la rhétorique: théorie et pratique*, e como a primeira edição portuguesa foi publicada em 1998, este estudo introdutório à ciência retórica já é clássico. O aparato formal inclui Prefácio, Introdução, Notas, Bibliografia sumária, e Índice remissivo e glossário dos termos técnicos.

Alternamente histórico e sistemático, o texto principal tem nove capítulos e uma conclusão “A guisa de uma conclusão”. Os primeiros quatro capítulos revisam a história da retórica com a teoria aristotélica bem no centro. O primeiro capítulo, “Origens da retórica na Grécia”, documenta as contribuições de Córax, Górgias, Protágoras, Isócrates e Platão no desenvolvimento da retórica. O segundo capítulo, “Aristóteles, a retórica e a dialética”, analisa a definição de Aristóteles em que retórica “é a arte de achar os meios de persuasão de que cada caso comporta” (p. 24), tratando as relações entre retórica e filosofia. O terceiro capítulo, “O sistema retórico”, revisa as quatro partes da retórica na acepção aristotélica: invenção, disposição, elocução e ação. E o quarto capítulo, “Do século I ao XX”, trata da fortuna da retórica na era cristã, dividida entre o período romano, o declínio e as múltiplas retóricas da atualidade.

Depois do tratamento histórico, o resto do livro introduz vários termos técnicos e ilustra a leitura retórica. Os capítulos quinto e sexto, “Argumentação” e “Figuras”, tratam de dois aspectos destacados pelas novas retóricas alternativas mencionadas acima.

* Professor titular do Departamento de Filosofia da UFRN. *E-mail:* ericksons@ufrnet.br

Reboul insiste em que retórica é sempre argumentativa e estilística ao mesmo tempo. O último destes capítulos divide seu tópico em figuras de palavras, de sentido, de construção e de pensamento. Por fim, o sétimo (“Leitura retórica dos textos”), oitavo, (“Como identificar argumentos?”) e nono (“Exemplos de leitura retórica”) capítulos analisam noções de, e exemplos para, a leitura retórica.

A Introdução, “Natureza e função da retórica”, define retórica como “a arte de persuadir pelo discurso” (p. xiv), onde discurso é “toda produção verbal, escrita ou oral, constituída por uma frase ou por uma seqüência de frases, que tendo começo e fim e apresente certa unidade de sentido” (p. xiv), e persuadir é “levar alguém a crer em alguma coisa” (p. xv). Logo em seguida, Olivier Reboul (1925-1992) refina sua definição por dizer que “em retórica razão e sentimentos são inseparáveis” (p. xvii). Assim demonstração, no sentido de um “meio de convencimento puramente racional”, não é retórica (p. xviii).

Nosso interesse imediato no livro se deriva de sua relevância para a filosofia. Já no Prefácio, Reboul, que é por sinal filósofo acadêmico, argumenta que a retórica foi instrumento de filósofos (p. xi). Na Introdução, ele argumenta que, por pretender persuadir, o tratado de filosofia é retórico de acordo com sua definição (p. xiv). Um professor de filosofia avalia redações em termos de conceitos retóricos: “respeito para o assunto, ao plano, à argumentação, ao estilo, a personalidade” (p. xxii). Note-se que para a colocação de Reboul de ser válida, o tratado de filosofia não pode ser, por ser do tipo do discurso que ele é, um meio de convencimento puramente racional. Em outras palavras, este gênero filosófico é intrinsecamente argumentativo no sentido de que ele sempre tem um aspecto afetivo (ver xviii).

No quinto capítulo, Reboul dá cinco argumentos segundo os quais a filosofia pode não ser demonstrativa no sentido técnico. Primeiro, desde que qualquer língua natural é polissêmica e a sua sintaxe ambígua, demonstração é possível apenas em uma língua artificial sem estas limitações (p. 94). Segundo, talvez filosofia não lida com o verdadeiro ou falso e sim com o mais ou menos

verossímil (p. 95). Terceiro, “os filósofos chegam a doutrinas muito diferentes, muitas vezes opostas, embora a demonstração só possa redundar numa verdade única” (p. 110). Quarto, “as estruturas de demonstração não são as mesmas, segundo se trate de cartesianos, Kant, Hegel, Bérgrson, Husserl, neopositivistas e outras. Há uma só matemática, enquanto existem *várias* filosofias” (p. 110). E o quinto “é que os filósofos todos recorreram, em maior ou menor grau, à argumentação” (p. 110). Para Reboul, a reivindicação filosófica de ser demonstrativa não passa de um “lugar” (argumento-tipo) de filosofia.

Aqui Reboul advoga a doutrina neokantista de que as crenças típicas de um “epistemé” (Foucault) constituem um *a priori* concreto ou histórico, correspondentes a uma realidade imanente e não transcendente à razão humana. Ele utiliza “lugares” (padrões de expressão convencionais) tradicionais contra a filosofia para estabelecer a autonomia relativa (ou até mesmo a hegemonia) da retórica. Assim Reboul é cruzamento de Sexto Empírico com Ernst Cassirer.

Enquanto a função primordial da retórica é aquela nomeada na sua definição, a saber, persuasão (p. xvii), há três outras funções da retórica: a hermenêutica (interpretação ou compreensão), a heurística (descoberta ou invenção) e a pedagógica (transmissão ou formação) (v. xviii-xxii). Retórica funciona do modo hermenêutico porque a sua lei fundamental é que o praticante nunca está sozinho: ele sempre pratica seu discurso em função de outros (p. xvii-xix). Não fica claro para mim por que seu caráter interpessoal faça a retórica hermenêutica, desde que ela é inevitavelmente hermenêutica caso o praticante tenha que interpretar o que ele mesmo está pensando. Ainda que a língua seja interpessoal, como Saussure mantém, e mesmo que significado tenha que envolver critérios públicos, como o argumento da linguagem privada de Wittgenstein implica, isto não confirma a teoria comunicativa da linguagem, conforme a qual a linguagem funciona no primeiro momento para comunicar. Como Heidegger representa, antes que se possa comunicar um pensamento a alguém, é mister que o pensamento se

apresente, e isto já implica uma expressão lingüística compreendida (hermeneuticamente).

Enquanto lia Reboul, fiquei pensando que ele estava se posicionando sobre assuntos filosóficos, mas de tal maneira que o seu jogo ficou escondido. Dando a aparência de passar inócuas explicações sobre a retórica aos iniciantes, ele estava de fato argumentando em prol de certa metafísica, certa epistemologia. Quando pergunto qual peixe Reboul está vendendo, a resposta sempre vem “Neokantismo!” A sua célebre definição de retórica como a arte de persuadir por discurso já indica sua orientação. Uma vez que persuadir significa “levar alguém a crer em alguma coisa”, Reboul prioriza crença, ou seja, uma postura com respeito à verdade ou inverdade de uma proposição. Em breve, retórica é uma arte que se deriva da faculdade de conceitos, isto é, o entendimento no sentido kantista. Desde que o homem não tem uma intuição intelectual e sim, sensual (leia-se: linguisticamente natural), ele não pode ter uma arte demonstrativa (de convencimento puramente racional). Assim filosofia é inevitavelmente uma aplicação da retórica, combinando argumento e oratória.

No quarto capítulo Reboul caracteriza a diferença de retóricas contemporâneas daquela tradicional em termos de três aspectos: em vez de produzir textos, a nova retórica os interpreta; em vez de limitar-se à argumentação judiciária, deliberativa e epidíctica, a nova retórica amplia-se para incluir novos ramos de persuasão (propaganda e relações públicas) e mesmo práticas não persuasivas (poesia). Entre as teorias recentes (p. 88-90), Reboul destaca uma retórica de estilo (Jean Cohen, o grupo UM, Gerard Genette, Roland Barthes), que destaca figuras ou tropos (e o conceito de “escritura grau zero”), de um lado, e uma retórica de argumentação (Chaïm Perelman e Lucie Olbrechts-Tyteka), que destaca lugares (*commonplaces*), de outro. Note-se que a sua própria definição, sem dar prioridade a qualquer uma destas alternativas, é bem no espírito de Ferdinand de Saussure quando ele nega que pode especificar qual a extensão do signo lingüístico. Estas alternativas servem como as posições, respectivamente empirista e racionalista,

que Reboul sintetiza neokantistamente-demasiadamente-neokantistamente.

Vamos examinar um detalhe do ceticismo *reboulesque*. Etimologia foi um modismo na filosofia do século vinte: Heidegger desenvolve suas considerações muitas vezes em cima de etimologia, e J. L. Austin (em *Como Fazer Coisas com Palavras*) argumenta que uma vez que as palavras nunca perdem inteiramente seu sentido radical, convém para o filósofo determinar o significado das palavras no contexto das suas origens. Por contraste, Wittgenstein dispensa totalmente etimologia. Nas *Investigações Filosóficas*, ele mantém que o filósofo pode inventar história natural (das palavras, por hipótese) para seus propósitos. Reboul fica com Wittgenstein quando ele identifica etimologia como uma figura de palavras (e assim um argumento retórico), a saber, a antanáclase (p. 118-19), que é o tomar uma palavra em dois sentidos um pouco diferentes (p. 243).

Acho Reboul nada antipático em ser tão anti-filosófico em tudo. Todavia, sendo de um humor heideggeriano, eu me encontro defendendo que há um modo de pensamento (digamos, pós-filosófico) – e, o que é mais, uma exposição de pensamento – que escapa de ser retórico mesmo nos termos neutros (ou até honoríficos) que ele entende. Diferentemente que filosofia, o “pensamento essencial” (projetado por Heidegger) não tenta persuadir ninguém de nada, não está iludido com o ideal demonstrativo (nem com a pretensão à verdade) das ciências, e está longe de envergonhar-se da sintaxe e semântica da língua natural. Ele não é heurístico, muito menos pedagógico, e sim, hermenêutico, não porque seja interpessoal (ainda que o seja), mas por ser a compreensão enquanto compreensão (*ratio qua ratio*). Para mim, pensamento essencial aproxima aquilo que Aristóteles trata como a diferença específica entre o homem e a besta (dito: logos, razão, verbo) especialmente quando o homem não se trata, à modo de Aristóteles, como uma besta com valor extra. *Dasein* autêntico, palavra de honra!